



Volume I, número 2, jul-dez, 2020, pág. 280-300.

FATORES DE RISCO E PROTEÇÃO AO USO E ABUSO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS SEGUNDO ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA DE MANAUS

Ana Leila Gazel Ribas
Daniel Cerdeira de Souza
Tirza Almeida da Silva
Sônia Maria Lemos
Eduardo Jorge Sant'Ana Honorato

Resumo: O uso de drogas apresenta-se como um problema de saúde pública de amplo impacto, associado à situação de vulnerabilidade individual e social e seu uso por adolescentes e jovens tornou-se um grave problema social no contexto escolar. Considerando esse contexto, o objetivo do presente artigo foi analisar de que forma os alunos de uma escola estadual de Manaus compreendem ser fatores de risco e proteção ao uso de álcool e outras drogas. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa e foi realizada em uma escola estadual de Manaus. Participaram seis estudantes, três de cada gênero/sexo que foram submetidos a uma entrevista semiestruturada e os resultados foram analisados a partir da Análise de Conteúdo. Os resultados mostraram seis categorias: 1) Casa e a abertura em falar sobre as drogas; 2) Principal fonte de informação sobre as drogas; 3) Conhecimento sobre os efeitos das drogas; 4) Membro da família e problemas com drogas; 5) Contato com as drogas; 6) Eventos ou projetos educativos sobre o uso de drogas na escola, que discutem que o principal fator de risco segundo os adolescentes entrevistados foram as relações com os pares na escola e na comunidade, e como fatores de proteção, emergiram a família e os programas de prevenção ao uso de drogas na escola. As principais fontes de informação sobre drogas para os adolescentes foram as mídias e relatou-se abertura familiar para se dialogar sobre drogas em casa e também se percebeu modificações e reorganizações familiares devido o uso e abuso de drogas.

Palavras-chave: Adolescência; Drogas; Fator de risco; Fator de proteção; Uso de drogas na escola.

Abstract: The drug use presents itself as a public health problem with a profound impact, associated with the situation of individual and social vulnerability and its use by adolescents and young people has become a severe social problem in the school context. Considering this context, this article's objective was to analyze how students at a state school in Manaus understand which are risk factors and protection to the use of alcohol and other drugs. Methodologically, it is qualitative research and was carried out in a state school in Manaus. Six students participated, three of each gender/sex who were submitted to a semi-structured interview, and the results were analyzed from the



Content Analysis. The results showed six categories: 1) Home and the openness in talking about drugs; 2) The Main source of information on drugs; 3) Knowledge about the effects of drugs; 4) Family member and drug problems; 5) Contact with drugs; 6) Events or educational projects on drug use at school, which argue that the main risk factor according to the adolescents interviewed were the relationships with peers at school and in the community, and as protective factors, the family and programs about prevention of drug use at school. The primary sources of information about drugs for adolescents were the media and family openness to talk about drugs at home was reported, and family changes and reorganizations were also noticed due to drug use and abuse.

Keywords: Adolescence; Drugs; Risk factor; Protection factor; Drug use at school.

INTRODUÇÃO

À medida que os jovens crescem e alcançam suas competências de desenvolvimento, existem variáveis sociais, culturais, econômicas, etc., que promovem ou dificultam o processo. Estes são frequentemente referidos como fatores de proteção e risco (EUZEBIOS FILHO, GUZZO, 2006). A presença, ausência e/ou várias combinações de fatores protetores e de risco influenciam diretamente na saúde de jovens e adolescentes. A identificação destes pode orientar as estratégias de prevenção e intervenção a serem adotadas (PALUDO, SCHIRÒ, 2012).

Um fator de proteção pode ser definido como uma característica no nível biológico, psicológico, familiar ou comunitário (incluindo pares e cultura) associada a uma menor probabilidade de resultados danosos e diminuem as probabilidades de consequências negativas da exposição ao risco. Por outro lado, um fator de risco consiste na mesma definição com a diferença de que está associado a uma maior probabilidade de resultados danosos ou socialmente indesejáveis (SCHENKER, MINAYO, 2005; EUZEBIOS FILHO, GUZZO, 2006).

Diante dessas definições, o presente trabalho tem por objetivo compreender de que forma os alunos de uma escola estadual em Manaus compreendem fatores de risco e proteção ao uso de álcool e outras drogas.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), a adolescência é caracterizada como um momento de transição da infância a vida adulta,



cronologicamente dentro da faixa etária que vai dos 12 aos 18 anos e é comum observar falas sobre a adolescência a partir de um prisma universal a todos os adolescentes, como um momento de “crise”, mas nesse estudo, a entendemos a partir de uma ótica desnaturalizada, como um momento atravessado por inúmeras questões sociais que não permitem que haja duas adolescências iguais, antes existem tantas adolescências quanto o possível, além de também ser um momento de protagonismo do adolescente, onde o mesmo está inserido em diversos contextos sociais como a família, a comunidade, a escola e afins (ARALDI et al., 2012).

E compreendendo a adolescência como um período rico em possibilidades, entendemos que o uso precoce de drogas por adolescentes tem sido um debate proeminente na sociedade (HEIM, ANDRADE, 2008), isso por que o risco de utilização de substâncias pode aumentar muito durante os períodos de transição. Para um adulto, um divórcio ou perda de emprego pode aumentar o risco de uso de drogas. Para um adolescente, os momentos de risco incluem mudanças em geral, como divórcio familiar ou mudança de escola. Quando as crianças passam do ensino fundamental ao médio, elas enfrentam situações sociais, familiares e acadêmicas novas e desafiadoras. Muitas vezes, durante esse período, as crianças são expostas a substâncias como cigarros e álcool pela primeira vez (MOREIRA, VÓVIO, DE MICHELLI, 2015).

Dessa forma, o uso de álcool e outras drogas por adolescente pode trazer inúmeras consequências que vão desde um âmbito biológico até problemas de cunho social (MARTINS, PILLON, 2008) e assim, programas de prevenção se tornam necessários, pois os mesmos tem a capacidade de aumentar os fatores de proteção e reduzir os fatores de risco para o uso de drogas nesse público. Os programas são projetados para várias idades e podem ser usados em configurações individuais ou em grupo, como a escola (MOREIRA, VÓVIO, DE MICHELLI, 2015).

Embora nem todos os adolescentes que em algum momento tenham consumido álcool ou drogas tenham problemas de longo prazo, os riscos significativos associados ao uso destas substâncias durante esse período de desenvolvimento justificam pesquisas para a compreensão do fenômeno. De acordo com pesquisa realizada pela Fundação Oswaldo Cruz em 2017, a dependência de alguma substância, exceto álcool e tabaco, mostra que 38 mil dependentes são adolescentes (12 a 17 anos) (BASTOS et al., 2017).



Atualmente as escolas tornaram-se um espaço de intensificação às informações referentes aos efeitos nocivos do álcool e outras drogas. Como os alunos passam a maior parte do dia na escola, esse é um campo onde intervenções de cunho preventivo podem ter espaço (FARIA FILHO et al., 2015). As escolas, trabalhando em colaboração com parceiros da comunidade e família, pode estar em vantagem para identificar alunos com sinais e sintomas de abuso de drogas ilícitas (MALTA et al, 2014a; COUTINHO et al., 2016).

Para os adolescentes envolvidos com o uso de substâncias que chegam a desenvolver a dependência e recebem serviços de tratamento formal, as recaídas são comuns (ARALDI et al., 2012). Um grande desafio no tratamento destes é a heterogeneidade em seus perfis clínicos, particularmente quanto ao reconhecimento de problemas e motivação para a abstinência. Conseqüentemente, as intervenções em grupo baseadas em habilidades sociais comumente usadas podem não atender às necessidades de muitos jovens inscritos no tratamento, pois se concentram no desenvolvimento de habilidades quando muitos não têm intenção ou desejo de usar (NASCIMENTO, AVALLONE, 2013; GRIFFIN, BOTVIN, 2010). Esforços clínicos recentes têm se concentrado em melhorar a qualidade e a eficácia do tratamento ambulatorial de adolescentes e expandir os esforços de atendimento contínuo (DALBOSCO, 2011).

O abuso de álcool e outras drogas tem efeitos deletérios no desempenho escolar. O uso de substâncias é frequentemente associado à falta de motivação e autodisciplina, bem como à redução da frequência escolar. As questões de segurança também são motivo de preocupação o abuso de substâncias está correlacionado com o comportamento antissocial e violento (MALTA et al., 2014b).

Por conseguinte, compreende-se que o uso de drogas é determinado por um entrelaçamento de fatores sociais, que vão desde comportamentos, hábitos e estilos de vida, condições socioeconômicas, acesso a educação, emprego e moradia, renda dentre vários outros. Neste sentido, a produção de agravos a partir desses fatores é determinante para eclosão do problema de uso e abuso de drogas por adolescentes no contexto escolar e fora dele (FIGUEIREDO et al., 2016; NASCIMENTO, AVALLONE, 2013).



MÉTODO

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa que, de acordo com Nascimento (2008), busca o aprofundamento das questões subjetivas dos participantes sobre o objeto proposto. O local onde a pesquisa foi realizada em uma escola estadual de Manaus. De acordo com o IBGE¹, a cidade possuía 2.182.763 habitantes em 2019. A taxa de escolarização em 2010, era de 94,2% e em 2018, a cidade possuía e 4332 docentes de ensino médio e 174 escolas de estaduais, que são responsáveis pelo ensino médio na cidade. A escola onde a pesquisa foi realizada fica localizada no bairro do Coroado, Zona Leste da cidade. Este é considerado um dos bairros mais populosos de Manaus e com alto índice de violência e criminalidade. A gestão da escola emitiu um termo de anuência para que o estudo fosse realizado.

Participaram da pesquisa seis estudantes, 3 de cada gênero/sexo escolhidos a partir do critério de conveniência. Esse critério diz respeito a selecionar os participantes que estejam imediatamente disponíveis (GIL, 2008) Os critérios de inclusão foram: estudantes devidamente matriculados e que frequentam regularmente as aulas, que estejam cursando o ensino médio, maiores de 15 anos e que seus pais ou responsáveis legais autorizem a participação. Os critérios de exclusão consistiam na desistência do participante a qualquer momento ou se os pais ou responsáveis legais não permitissem a participação ou solicitassem a retirada dos dados do menor.

Os pais ou responsáveis legais dos participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, para darem o devido conhecimento acerca da pesquisa realizada e autorizaram a participação dos adolescentes convidados. E os participantes assinaram o Termo de Assentimento Livre Esclarecido por tratarem-se de sujeitos menores de idade. Estes alunos foram abordados de maneira aleatória nos espaços de convivência da escola e convidados individualmente pela pesquisadora.

Como instrumento de coleta, foi utilizado a entrevista semiestruturada (DUARTE, 2004). As mesmas foram gravadas em áudio com a permissão do entrevistado e, posteriormente, transcritas (os áudios foram descartados após isso).

¹ Informações obtidas a partir de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/manaus/panorama>



Nelas, a partir de um roteiro previamente estipulado, desenvolveu-se um diálogo com os sujeitos no qual foram abordados aspectos relativos à temática do artigo. A entrevista foi realizada em data previamente estipulada pela gestão, em uma sala reservada, com duração em torno de 50 minutos e eram feitas com apenas dois participantes por dia. Percebeu-se que muitos alunos tinham receio de responder às perguntas e sempre questionavam “se não era pra polícia” tal investigação, com medo de comprometerem-se com qualquer resposta que pudessem dar. O fato de a escola se encontrar em um bairro considerado perigoso e com alto índice de violência pode nos auxiliar a compreender o ocorrido.

Os dados foram analisados a partir da técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2009). Esse procedimento organiza-se em três fases: I) Pré-Análise: É a organização de todos os materiais utilizados da coleta dos dados (correspondente a organização, transcrição e leitura exaustiva das falas dos participantes). II) Exploração do Material: que consiste nas operações de codificação em função das regras que já foram previamente formuladas (após a leituras, criou-se as categorias). III) Tratamento dos resultados: É a fase de análise propriamente dita, onde os resultados brutos serão tratados de maneira a serem significativos (discussão dos dados).

Este trabalho seguiu todos os critérios éticos propostos nas resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Pesquisa, referente a ética em pesquisa com humanos, podendo ser consultado através do código aprovado pelo CEP da Universidade do Estado do Amazonas, no código CAAE número 14596719.8.0000.5016



Ao que se refere à caracterização dos participantes, o quadro 1 mostra que a faixa etária varia entre 15 e 17 anos.

Quadro 1. Dados dos alunos entrevistados. Manaus - AM, 2019

CARACTERÍSTICAS	ALUNA 1	ALUNO 2	ALUNO 3	ALUNO 4	ALUNA 5	ALUNA 6
Idade	17 anos	15 anos	16 anos	15 anos	15 anos	15 anos
Estrutura Familiar	Mãe, padrasto e dois irmãos	Mãe e irmãos	Mãe e irmãos	Pai, mãe e irmãos	Pais adotivos	Pai
Gênero	Feminino	Masculino	Masculino	Masculino	Feminino	Feminino

Fonte: Pesquisa qualitativa

Os resultados obtidos mostram que cinco alunos possuem uma estrutura familiar parental, sendo um vivendo com pais adotivos e um aluno possui uma família monoparental. Esses achados corroboram com o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizado em 2016 apontou que a maioria dos domicílios brasileiros (87,2%) são formados por duas ou mais pessoas que tenham uma ligação de parentesco. A pesquisa ainda mostrou que 12,1% dos lares brasileiros são formados por apenas uma pessoa e que 0,7% são compostos por pessoas sem ligações de parentesco.

Após essa breve caracterização dos entrevistados, aponta-se as categorias de análise sobre fatores de risco e proteção ao uso de drogas por adolescentes, conforme metodologia proposta de Bardin (2009): 1) Casa e a abertura em falar sobre as drogas; 2) Principal fonte de informação sobre as drogas; 3) Conhecimento sobre os efeitos das drogas; 4) Membro da família e problemas com drogas; 5) Contato com as drogas; 6) Eventos ou projetos educativos sobre o uso de drogas na escola

Casa e a abertura em falar sobre as drogas

Quatro alunos entrevistados salientam que existe uma conversa franca e aberta acerca das drogas em suas casas e que isso funciona como um fator de proteção.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Converso com minha mãe. Ela fala que eu não devo usar essas drogas, pois prejudica a saúde e se prejudica não devo usar [...] se oferecer na rua ou na escola, devo não aceitar e tomar muito cuidado com bebidas e com amizades (Aluna 1, 17 anos).

Um dos dilemas mais desafiadores enfrentados pelos pais hoje em dia é como lidar com a perspectiva e, para alguns, o conhecimento do uso de drogas e álcool pelo filho adolescente. As preocupações com esta questão são bem fundamentadas. O dilema que os pais enfrentam envolvem a comunicação com os filhos, ou melhor, como falar efetivamente com seus filhos sobre esse problema. Schenker e Minayo (2005) apontam que os diálogos entre pais e filhos sobre esse tema variam de uma posição estritamente proibitiva e claro sobre os perigos do uso de drogas e álcool, até a recomendação de uma atitude cautelosa de aceitação que enfatiza a necessidade de comunicação e segurança abertas.

Outro aluno relatou orientações semelhantes por parte da mãe:

Minha mãe fala pra eu ter cuidado pois perto da minha casa tem uma boca de fumo aonde se usa e vende drogas, tem vários adolescentes lá e minha mãe me aconselha muito (Aluno 2, 15 anos).

Segundo Moura (et al. 2015), é desencorajado o não diálogo por parte dos pais com os filhos sobre o uso de álcool e outras drogas, sendo que os autores recomendam o desenvolvimento de um diálogo contínuo com o filho, onde se possa utilizar as situações cotidianas espontâneas ou "momentos de aprendizado" para estabelecer as bases para uma educação aberta e honesta. Os autores mostram que crianças e adolescentes que ouvem os fatos sobre drogas e álcool de seus pais podem ter menos probabilidades significativas de menor uso das mesmas. Nessa linha, a fala do Aluno 4 sustenta a importância desse diálogo:

Na minha família quase não se fala sobre as drogas, só meu pai me aconselha pra eu ter cuidado com amizades, pois tenho amigos que são ex usuários de drogas (Aluno 4, 15 anos).



A fala do aluno 4, além de mostrar a importância do diálogo sobre drogas em casa, nos coloca na reflexão de que nenhuma família é imune aos efeitos das drogas. Qualquer criança ou adolescente pode ter problemas, mesmo aqueles que fizeram um esforço para evitá-lo e mesmo quando receberam a orientação adequada de seus pais. No entanto, certos grupos de crianças e adolescentes podem ter mais chances de usar drogas do que outros. As crianças e adolescentes que têm amigos ou pais que já experimentaram drogas possuem uma grande tendência para fazê-lo, dessa forma, a relação com estes pode se apresentar como um fator de risco nesse contexto (MOREIRA, VÓVIO, DE MICHELLI, 2015).

Payá (2011), diz que hoje a família pode ser entendida como um cenário de risco e/ou de proteção frente às complexidades do abuso de substâncias. O pressuposto básico desse entendimento explica que as pessoas que usam drogas estão inseridas em um contexto no qual seus valores, crenças, emoções e comportamentos influenciam os comportamentos dos membros da família sendo por eles influenciados.

A aluna 6 revela que o diálogo com o pai o fez repensar as atitudes, especialmente após a ameaça de ser posto para fora de casa. Ao ser perguntada se em sua casa alguém falava sobre drogas com ela, a mesma respondeu:

Sim, meu pai, pois eu estava andando com uma “turma da pesada” ele descobriu e disse que se eu me envolvesse com drogas, isso ia resultar em um problema muito grave pra mim (Aluna 6, 15 anos).

Faria Filho (et al., 2015) reforçam que a capacidade de desenvolver e manter um diálogo efetivo e honesto entre pais e filhos sobre drogas, álcool, relacionamentos, sexo, escola etc. é inquestionavelmente a melhor maneira de reduzir o risco de danos ao adolescente. O diálogo aberto, empático e responsável pode levar a mudança de atitude.

Fontes de informação sobre as drogas

Diversos pontos foram informados como fonte de informação sobre as drogas, especialmente família e a mídia.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Minha própria família e, mesmo assim, com poucas informações, só conselhos (Aluna 1, 17 anos).

Costa (et al. 2012) salienta que quando a família consegue desempenhar o papel de orientar e educar os filhos, ela pode auxiliar no objetivo de mantê-los afastados do uso de drogas. Alguns dos maiores fatores para manter os adolescentes livres de drogas podem ser as próprias figuras dos pais, onde ter fortes conexões positivas com os pais e ter limites claros e aplicação consistente da disciplina, pode ajudar a reduzir a disposição dos adolescentes de experimentar drogas. Combinado à educação aberta sobre a realidade e os riscos do abuso de drogas na adolescência, os pais podem realmente influenciar as escolhas de seus filhos em relação às drogas. Isso é especialmente crucial hoje, quando o abuso de drogas nas escolas tornou-se uma problemática social (MARSCHALL-LÈVESQUE, 2014).

Os alunos 2, 5 e 6 assinalam que as principais fontes de informação são a televisão, internet e jornal. Romera (2009) informa que meios de comunicação consistem não apenas de fontes de impressão tradicionais, como jornais e revistas, mas também rádio, televisão, publicidade em muitos formatos e as novas mídias eletrônicas na Internet. As fontes da mídia se tornaram formas importantes de informações sobre drogas. Tem havido muito interesse recentemente no papel da mídia de massa no uso de drogas, com foco principal em álcool, tabaco e medicamentos prescritos e principalmente sua influência sobre os adolescentes.

Importante ressaltar que apenas a aluna 4 menciona a escola como fonte de informação sobre drogas. As escolas fornecem alunos com modelos comportamentais, oportunidades de vínculo com pessoas que têm expectativas diferentes sobre uso de substâncias e acesso a substâncias. 'Escolas promotoras de saúde', um quadro endossado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e agora amplamente apoiado em grande parte do mundo, reflete crenças de que as escolas devem promover desenvolvimento juvenil tão ativamente quanto aprendizagem e que as escolas são exclusivamente adequadas para afetar uma ampla gama de resultados. As escolas promotoras de saúde adotam muitas estratégias para fortalecer sua capacidade de configurações, incluindo a instituição dos currículos, práticas e políticas de ensino que melhoram o bem-estar físico, mental e social dos jovens (MARSCHALL-LÈVESQUE, 2014).



Conhecimento sobre os efeitos das drogas

Buscou-se verificar qual o conhecimento dos alunos entrevistados sobre os efeitos das drogas.

Eu não conhecia muito os efeitos das drogas, somente após a palestra de prevenção na minha escola comecei a entender melhor (Aluna 1, 17 anos).

A fala mostra a escola como um lugar onde pode-se encontrar conhecimento que sirva como fator protetivo ao uso de drogas. Considerando as características inerentes à adolescência, as práticas pedagógicas a serem adotadas com esse grupo devem ser cuidadosamente selecionadas e desenvolvidas por profissionais qualificados e treinados para atender às necessidades peculiares desse ciclo de vida. Essas práticas devem ter como princípios a horizontalização entre educador e aprendiz e o aprimoramento da autoestima, afirmação, intelectualização e expressão de sentimentos (MORENO, VENTURA, BRÊTAS 2010).

Assim, a seleção de uma prática pedagógica específica, que tem como objetivo atingir o público adolescente, deve ser redobrada a atenção em relação à definição de métodos e estratégias de abordagem, para que possam despertar o interesse e despertar a participação desse grupo. Uma estratégia pedagógica lúdica, como o teatro, se adequa ao tema árido, como álcool e drogas, e pode se tornar um canal de interação capaz de potencializar esse interesse, uma vez que se sabe que a inquietação natural dessa fase da vida requer atividades dinâmicas também como aqueles que despertam curiosidade (LOPES et al., 2014).

Outro aluno informa que o conhecimento sobre as drogas veio da convivência com usuários:

Vi vários amigos e vizinhos ficarem magros, doidão, sujos e um cometeu o suicídio (Aluno 2, 15 anos).

Nesse ínterim, o estudo de Githae (2018) discutiu que a maioria dos jovens (77 dos 87) entrevistados com idades entre 13 e 24 anos tinha conhecimento adequado sobre



o uso e os efeitos do abuso de drogas e substâncias, embora, apesar do conhecimento, alguns deles estivessem abusando das mesmas e isso era relacionado ao convívio com alguém que fizesse uso.

Uma outra visão de conhecimento dos efeitos do abuso de substâncias é apontada:

Pessoas ficam magras, amarelo e viciado e perdem a noção das coisas (Aluno 3, 16 anos).

Nascimento e Avallone (2013) salientam que os principais efeitos do uso das drogas para aqueles que abusam das mesmas consistem em um sistema imunológico enfraquecido, aumentando o risco de doenças e infecções, que também podem levar a alterações no apetite e perda de peso, aumento da tensão no fígado, o que coloca a pessoa em risco de dano hepático significativo ou insuficiência hepática, convulsões, acidente vascular cerebral, confusão mental e danos cerebrais, doença pulmonar, dentre outros.

Membros da família e problemas com drogas

O uso abusivo de álcool e outras drogas afeta o funcionamento da família. Isso muda a maneira como as famílias se relacionam e os papéis que cada membro desempenha. O vício se torna o foco de atenção e a prioridade da família. Gruber e Taylor (2006) explica que o vício deve ser visto da perspectiva da família para ser entendido adequadamente, fugindo do reducionismo de focar somente em adultos que sofrem de abuso de substâncias ou distúrbios de dependência (SHEFF, 2009; USHER, JACKSON D, O'BRIEN, 2007). A fala da aluna 1 mostra que o uso e envolvimento no tráfico de drogas podem estar na família próxima:

Tenho primos distantes que usam e traficam drogas, mas dentro da minha casa não tenho (ALUNA 1, 17 anos).

Cada família e cada membro da família são afetados exclusivamente pelo indivíduo que usa substâncias (SHEFF, 2009). A violência, ao qual geralmente o abuso



de drogas está relacionado pode trazer modificações na família. Um outro relato ratifica o exposto:

Meus pais e meus primos, que também eram viciados e vendiam, mas já morreram por causa das drogas. Meus pais foram pra igreja e abandonaram o vício (ALUNO 4, 15 anos).

Orford (et al., 2008) identificaram que as famílias chegaram a um ponto em que se envolverão diretamente com o problema do abuso de drogas, o tolerarão ou se afastarão do problema, pois o problema impacta as famílias de maneira muito ampla e há barreiras para divulgar ou falar sobre os problemas. Nesse ponto, os processos religiosos são vistos como uma possível forma de enfrentamento.

Contato com as drogas

Para alguns alunos, o primeiro contato com as drogas se deu através de pares:

Eu experimentei a maconha uma vez, mas já vi a cocaína [...] me ofereceram tanto na escola como na minha rua (ALUNO 3, 16 anos).

Sheff (2009) salienta que não é incomum os adolescentes experimentarem drogas ou beberem álcool na adolescência. Para alguns, eles podem experimentar e tomar a decisão positiva de não participar, mas também existem aqueles que se tornam dependentes de drogas ou álcool.

Já me ofereceram muitas drogas. Eu usei maconha, e pó tive medo de usar por causa que vi minha amiga quase morrer (ALUNA 5, 15 anos).

Um estudo desenvolvido com adolescentes indicou que a curiosidade e o desejo de experimentar novas sensações foram as motivações mais frequentes marcadas para o consumo. Outro estudo constatou que a busca por risco e aventura, a curiosidade e o



desejo de superar o tédio são os motivos mais frequentes indicados quando os jovens foram questionados sobre o motivo de seu comportamento (GIL et al., 2008).

Maconha e pó, meus amigos me ofereceram e eu por curiosidade experimentei (ALUNA 6, 15 anos).

Segundo menciona Sheff (2009), muitos adolescentes consideram que experimentar drogas e álcool é uma parte importante do crescimento, apesar do risco significativo e de muitas consequências desastrosas. Alguns adolescentes são introduzidos ao uso de drogas por meio de prescrições e depois começam a usar de forma recreativa. Alguns adolescentes começam a experimentar drogas como resultado de amigos ou ficam curiosos, mas não importa como um adolescente comece o uso de substâncias, o abuso de drogas na adolescência é um risco muito real.

Eventos ou projetos educativos sobre o uso de drogas na escola

A combinação de pais, educadores e educação e apoio comunitário na prevenção ao uso drogas fornece o melhor cenário para evitar o uso de substâncias. A educação sobre drogas nas escolas não é suficiente por si só, mas é um dos fatores-chave na prevenção de drogas entre adolescentes.

Esse ano tivemos palestra de um programa de prevenção às drogas da policial civil (ALUNA 1, 17 anos).

De acordo com Freire (2005), o ambiente escolar é caracterizado por relações de poder e um choque de ideias, além de mudanças nas várias concepções de educação. Acreditamos que os princípios educacionais mais convergentes para a prevenção qualificada são aqueles que se aproximam de uma abordagem libertadora da educação. Tal abordagem é caracterizada por uma relação mais horizontal entre educador e aluno, com os dois sujeitos considerados na prática educacional. A relação se desenvolve em um processo dialógico de construção do conhecimento, norteado por relações democráticas e preocupado com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, com cidadãos capazes de tomar suas próprias decisões. Dessa maneira, oferecer



informações sobre as drogas na escola pode funcionar como forma de desenvolver a autonomia dos alunos para que estes tomem suas decisões.

Participei na 5ª série de uma palestra de prevenção às drogas do Proerd que é da polícia militar e esse ano participei de outra palestra da polícia civil (ALUNO 3, 16 anos).

O PROERD aplica técnicas centradas na resistência à pressão de grupos, auxílio na tomada de decisões para dizer não as drogas, desenvolvimento de habilidades que levem a motivação, além de ser um programa estratégico que objetiva educar principalmente as crianças e adolescentes em seu meio natural, a escola, com atividades interativas auxiliadas pelo policial instrutor PROERD juntamente com o professor, permite ainda que as crianças desenvolvam uma atitude positiva em relação às autoridades e respeito às leis (MASSARDI, 2013).

Participei de uma palestra de prevenção às drogas esse ano nessa escola e eu ia usar o pó pela segunda vez já estava tudo certo com minha turma e quando vi os efeitos que as drogas causam no nosso organismo fiquei impressionada e também com medo não imaginava que a droga fazia tanto mal principalmente pra nós adolescentes, fui direto pra casa e contei tudo pro meu pai desabafei mesmo, me afastei daquelas amigas (ALUNA 6, 15 anos).

A fala da aluna 6 sugere que as informações adequadas aliado ao protagonismo do adolescente auxiliam na tomada de decisão e busca por apoio no que diz respeito ao uso de drogas. Além do mais, os alunos salientaram a importância de se debater a temática das drogas na escola:

Eu acho bastante esclarecedores tivesse mais esses trabalhos na escola seria ótimo pois antes não via drogas na escola e nem na rua mas agora ficou explicito ninguém tem mais vergonha e o cheiro dentro da escola é horrível, parece que o mundo mudou agora os adolescentes mandam nos pais ainda bem que minha convivência com meus pais é bem diferente pois eles me aconselham muito sobre as drogas e vejo que outros adolescentes não tem essa conversa e acaba indo por curiosidade (ALUNA 5, 15 anos).



Para Dalbosco (2011), as escolas são configurações apropriadas para programas de prevenção de drogas por três razões: (1) a prevenção deve se concentrar nas crianças antes que suas crenças e expectativas sobre o abuso de substâncias sejam estabelecidas; (2) as escolas oferecem a maneira mais sistemática de alcançar os jovens; e (3) as escolas podem promover um amplo espectro de políticas educacionais relacionadas às drogas. Os recursos para a preparação de professores, conselheiros e outros funcionários da escola podem ser um complemento valioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se, no término deste trabalho, que os principais fatores de risco para o uso de drogas segundo os adolescentes entrevistados foram as relações sociais na escola e na comunidade e como fatores de proteção a família e as atividades relacionadas a prevenção na escola. Essa última, trabalhando em colaboração com parceiros da comunidade e profissionais de saúde, está bem situada para identificar alunos com sinais e sintomas de abuso de drogas ilícitas. O baixo desempenho e a evasão escolar podem ser manifestações do uso de substâncias e indicam a necessidade de avaliação e encaminhamento desses estudantes para atendimento em saúde, onde as avaliações podem ajudar a lidar com essas demandas.

O abuso de substâncias ilícitas continua sendo um grande problema entre os jovens. A prevenção ao abuso de substâncias ilícitas entre estudantes traduziu-se em uma busca contínua por maneiras de abordar esse problema, incluindo programas de prevenção comunitários e escolares, técnicas de aplicação da lei mais rigorosas e, mais recentemente, o uso de testes laboratoriais em programas dentro das escolas.

O presente estudo foi um recorte e mais pesquisas são necessárias para compreender melhor os fatores de risco e proteção ao uso de álcool e outras drogas por adolescentes. As limitações do estudo referem-se principalmente a pouca abertura dos alunos em falar sobre o tema, por acreditarem que a pesquisa se tratava de alguma espécie de investigação, outro ponto de limite refere-se as diferenças entre gênero, que não foram aprofundadas. Neste contexto, faz-se necessário proporcionar à sociedade e



aos escolares um programa que consiga mostrar a importância da prevenção do consumo das drogas nas escolas, sendo que o mesmo fortifica e abre portas para o conhecimento referente às substâncias nocivas, bem como outras drogas.

REFERÊNCIAS

ARALDI, J. C. et al. Representações sociais de professores sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas na adolescência: repercussões nas ações de prevenção na escola. **Interface**, Botucatu, v. 16, n. 40, mar. 2012.

BASTOS, F. I. P. M. et al. (Org.). **III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ICICT, 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2009.

BRASIL. **Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acessos em 26 de junho de 2020.

COSTA, A. G., et al. Drogas em áreas de risco: o que dizem os jovens. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n.2, p. 803-819, 2012.

COUTINHO, E.S.F., et al. ERICA: padrões de consumo de bebidas alcoólicas em adolescentes brasileiros. **Rev Saúde Pública**. São Paulo, v. 50, n. 1, p. 08-17, 2016.

DALBOSCO, C. **Representações sociais de educadores de escolas públicas sobre situações-problema relacionadas ao uso de álcool e outras drogas**. Tese de doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura. Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2011.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

EUZÉBIOS FILHO, A.; GUZZO, R. S. L. Fatores de risco e de proteção: percepção de crianças e adolescentes. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 2, p. 125-141, 2006.

FARIA-FILHO, E.A. et al. Perceptions of adolescent students about drugs. **Rev Bras Enferm**. Brasília, v. 68, n. 3, p. 517-23, 2015.



FIGUEIREDO, V.C., et al. ERICA: prevalência de tabagismo em adolescentes brasileiros. **Rev Saúde Pública**. São Paulo, v. 50, n. 1, p. 12, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, H. L. B. et al. Perceptions of adolescents students on the consumption of drugs: a case study in Lima, Peru. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 16, n. spe, p. 551-557, Aug. 2008

GITHAE, M. **Knowledge on use and effects of drug and substance abuse among youth aged 13 to 24 years in Raila village, Kibera slum, Nairobi, Kenya** (2018). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/328630895_KNOWLEDGE_ON_USE_AND_EFFECTS_OF_DRUG_AND_SUBSTANCE_ABUSE_AMONG_YOUTH_AGED_13_TO_24_YEARS_IN_RAILA_VILLAGE_KIBERA_SLUM_NAIROBI_KENYA.

Acesso em: 20 ago. 2019.

GRIFFIN, K.W.; BOTVIN, G.J. Evidence-Based Interventions for Preventing Substance Use Disorders in Adolescents. **Child Adolesc Psychiatr Clin N Am**. Nova York, v. 19, n. 3, p. 505-26, 2010.

GRUBER K.J., TAYLOR M.F. A family perspective for substance abuse: Implications from the literature. **J. Soc. Work Pract. Addict**. Londres, v. 6, p. 1–29, 2006.

HEIM, J.; ANDRADE, A.G. Efeitos do uso do álcool e das drogas ilícitas no comportamento de adolescentes de risco: uma revisão das publicações científicas entre 1997 e 2007. **Rev Psiq Clin**. São Paulo, v. 35, n. 1, p. 61-4, 2008.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo domiciliar (2016). Disponível em: <https://ibge.gov.br/>. Acesso em: 10 set. 2019.

LOPES, G. T. et al. Perceptions of adolescents regarding drug use/addiction: theater as the pedagogical strategy. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 202-208, 2014.

MALTA, D.C., et al. Uso de substâncias psicoativas, contexto familiar e saúde mental em adolescentes brasileiros, Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares (PeNSE 2012). **Rev Bras Epidemiol**. São Paulo, v. 17, n. 1, p. 46-61, 2014a.



_____. et al. Exposição ao álcool entre escolares e fatores associados. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 52-62, fev. 2014b.

MARSCHALL-LÈVESQUE, S. et. al. Moderators of the Association between Peer and Target Adolescent Substance Use. **Addictive behaviors**, Bethesda, v. 39, n. 1, p. 48-70, 2014.

MARTINS, M.C.; PILLON, S.C. A relação entre a iniciação do uso de drogas e o primeiro ato infracional entre os adolescentes em conflito com a lei. **Cad Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 24, n. 5, p. 1112-20, 2008.

MASSARDI, W. de O. Análise das implicações do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência: o caso das escolas públicas de Ubá. **Gestão Contemporânea**, Porto Alegre, ano 10, n. 13, p. 149-164, jan./jun. 2013.

MOREIRA, A.; VÓVIO, C. L.; DE MICHELLI, D. Prevenção ao consumo abusivo de drogas na escola: desafios e possibilidades para atuação do educador. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v. 41, n. 1, p. 119-135, 2015.

MORENO, R.S.; VENTURA, R.N.; BRÊTAS, J.R.S. O uso de álcool e tabaco por adolescentes do município de Embu, São Paulo, Brasil. **Rev. Esc. Enferm.** São Paulo, v. 44, n. 4, p. 969-77, 2010.

MOURA, J. R. A. et al. **Conversas de adolescentes sobre drogas e sexualidade: um relato de experiência.** Revista Intertox-Eco Advisor de Toxicologia Risco Ambiental e Sociedade, Perdizes, v. 8, n. 2, p. 117-130, 2015.

NASCIMENTO, D. M. **Metodologia do trabalho científico: teoria e prática.** 2. ed. São Paulo: Fórum, 2008.

NASCIMENTO, M.O.; AVALLONE, D.D.M. Prevalência do uso de drogas entre adolescentes nos diferentes turnos escolares. **Adolesc Saude**. Rio de Janeiro, v.10, n. 4, p. 41-49, 2013.

ORFORD J.; et al. Tolerate, engage or withdraw: A study of the structure of families coping with alcohol and drug problems in south west England and Mexico City. **Addiction**. Bethesda v. 93, p. 1799–1813, 2008.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

PALUDO, S. S.; SCHIRO, E. D. Um estudo sobre os fatores de risco e proteção associados à violência sexual cometida contra adolescentes e jovens adultos. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 17, n. 3, p. 397-404, 2012.

PAYÁ, R. **Filhos de dependentes de drogas**. São Paulo: Rocca, 2011.

ROMERA, L. Drogas e mídia: influências no lazer da juventude. **Licere**, Belo Horizonte, v.12, n.3, p. 1-18, set./2009.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 707-717, 2005

SHEFF N. **Tweak: Growing up on Methamphetamines**. Simon & Shuster; New York, NY, USA: 2009.

USHER K., JACKSON D., O'BRIEN L. Shattered dreams: Parental experiences of adolescent substance abuse. **Int. J. Mental Health Nurs**. v. 16, p.422-430, 2007.

Recebido: 7/7/2020. Aceito:20/7/2020.

Autores:

Ana Leila Gazel Ribas

Mini-curriculo: Assistente Social e Especialista em Saúde Mental, Álcool e outras Drogas(UEA)

[Email: leilagazel1@hotmail.com](mailto:leilagazel1@hotmail.com)

Instituição: UEA

Daniel Cerdeira de Souza

Mini-curriculo: Psicólogo. Especialista em TCC (UNIFIA). Mestre em Psicologia (UFAM) e Doutorando em Psicologia (UFSC)

[Email: dancerdeira01@gmail.com](mailto:dancerdeira01@gmail.com)

Instituição: UFSC

Tirza Almeida da Silva

Mini-curriculo: Psicóloga. Especialista em Psicologia Jurídica (FMF), Especialista em Psicologia da Saúde (UEA). Mestre em Psicologia (UFAM)

[Email: tirza_almeida@hotmail.com](mailto:tirza_almeida@hotmail.com)

Instituição: UEA



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

e-ISSN 2675-410X



UFAM

Sônia Maria Lemos

[Email: sonlemos@hotmail.com](mailto:sonlemos@hotmail.com)

Instituição: UEA

Mini-curriculo: Psicóloga, Especialista em Saúde Coletiva (UniCruz), Especialista em Psicologia Clínica (CFP). Mestre em Ciências do Ambiente (UFAM). Doutora em Saúde Coletiva (UERJ). Professora Adjunta UEA

Eduardo Jorge Sant'Ana Honorato

Mini-curriculo: Psicólogo, Especialista em Saúde da Família (UFSC), Especialista em Docência Superior (UGF), Especialista em Produção e Uso de Tecnologias Educacionais (UFSCAR), Especialista em Epidemiologia (Unyleya), Especialista em Saúde Mental (Unyleya). Doutor em Saúde Pública (UFSC). Professor Adjunto UEA

[Email: eduhonorato@hotmail.com](mailto:eduhonorato@hotmail.com)

Instituição: UEA